

A IMPORTAÇÃO DE CERÂMICA EUROPEIA PARA OS ARQUIPÉLAGOS DA MADEIRA E DOS AÇORES NO SÉCULO XVI

ÉLVIO SOUSA Câmara Municipal de Machico, CHAM – FCSH - UNL | UAç

RESUMO Após o povoamento dos arquipélagos atlânticos (Madeira e Açores) e a consequente humanização do espaço, circuitos comerciais intercontinentais alimentados pelo ensaio e cultivo de novos produtos de exportação (açúcar e pastel) capitalizam a entrada e o fluxo de apetrechos que constituem a “civilização material” europeia.

Nos lares abastados das ilhas (Madeira, São Miguel, Terceira e Santa Maria) figuram novas séries cerâmicas de importação de origem castelhana, italiana, francesa, holandesa e alemã.

PALAVRAS-CHAVE Madeira, Açores, Atlântico, cerâmicas europeias, civilização material

“O mar só constitui um factor de isolamento maior que qualquer outro meio físico quando as ilhas estão fora dos grandes circuitos marítimos. Quando, pelo contrário, se encontram nesses circuitos, as ilhas tornam-se (muitas vezes por factores externos e de acaso) activos elos de ligação, fortemente abertas ao mundo exterior, e, em qualquer caso, muito menos isoladas que certas zonas montanhosas.” (Braudel, 1983, p.173-74).

1. BREVE COMENTÁRIO PRÉVIO

O presente texto nasce de uma investigação que o signatário desenvolve nos últimos três anos tendo por objectivo central o estudo da civilização material da Época Moderna nos arquipélagos atlânticos da Madeira e dos Açores (Sousa, 2011).

Os sítios arqueológicos que versam a presente reflexão são eminentemente espaços analisados em contexto terrestre, na sua maioria da Região Autónoma da Madeira (de Machico: Junta de Freguesia e Casa com a Porta Manuelina; de Santa Cruz: Convento da Piedade e Misericórdia; e do Funchal: Casa Colombo e Quinta dos Padres). Em relação aos Açores, destacam-se o Mosteiro de Jesus na Ribeira Grande (Sousa, 2010 p. 42-51 e 61-62) e os dados obtidos em Vila Franca do Campo (escavado desde os anos sessenta do século XX, por Manuel Sousa d’Oliveira).

Por razões de espaço não se abordam os grupos de cerâmica de importação portuguesa, nomeadamente: os objectos utilitários de Aveiro, os contentores para

o fabrico do açúcar, as faianças brancas e pintadas, as esmaltadas sem decoração, a loiça vidrada, a cerâmica de construção, a loiça fina não vidrada, as séries empedradas e modeladas e pintadas e a cerâmica comum utilitária.

2. ALGUNS INDICADORES SÓCIO-ECONÓMICOS

Após o processo de ocupação dos arquipélagos da Madeira e dos Açores iniciou-se a assiduidade das transacções comerciais com o Reino e entre as ilhas. A pouco e pouco, os produtos ensaiados nas terras insulares – o açúcar da Madeira, o cereal e o pastel dos Açores – assumem a pujança de “mercadoria de exportação” e, consequentemente, foram abertos circuitos de comércio e de distribuição para os portos europeus, africanos e americanos. A situação geográfica dos arquipélagos abre a porta a novos produtos e mercadorias. Ganha, assim, novo expoente a vida e a civilização material.

A confluência de bens, gentes e produtos conferem às regiões insulares da Madeira e dos Açores uma quase dependência de longo-curso das manufacturas europeias em troca de produtos agrícolas, criando, na asserção de Chaunu, uma espécie de triângulo constituído pelos “Azores al Norte, las Canarias al Sul, un fragmento de costa que va de Lisboa a Cádiz a Este. Es el cuello de botella, todo pasa por ahí y todo entra” (Chaunu, 1983, p. 56). Este triângulo anotado por Chaunu, no qual também se inclui a Madeira, foi palco de relações comerciais entre os povos peninsulares, constituindo-se não só autênti-

cos pontos de escala no Atlântico mas, também, centros de dinamização da economia local. Dentro deste contexto, novos produtos inseridos nos circuitos locais multiplicam-se no recheio do quotidiano insular (conforme o poder de aquisição do comprador).

Os Açores, posicionados geograficamente nas rotas de regresso, tiraram partido dos produtos que vieram da Índia, África e América. João Marinho dos Santos escreve que o trigo e o pastel eram “*mercadorias suficientes só por si para animar o grande comércio e funcionarem como autênticas para-moedas. Através delas, embora recorrendo sempre a uma moeda de conta (o cruzado ou o real), efectuava-se a troca por azeite, sal, panos, loiças, vinhos, letras de câmbio e algum dinheiro de contado*” (Santos, 1989, p. 382). Gera-se uma nova economia de mercado activada por produtos endógenos e outros que, entretanto, foram sendo ensaiados para cultivo nas ilhas: madeiras, pastel, urzela, sangue-de-drago (resina de dragoeiro), cereais, cana-de-açúcar e vinho.

A Madeira, por sua vez, assentou o seu comércio com os centros europeus,¹ abrindo mais tarde, e com a cultura vinhateira, as transacções com a América, ganhando talvez o estatuto de “*Encruzilhada do Atlântico*”, na visão de Albert Silbert (1954 e 1997). Nas ligações com os portos do Continente português (nomeadamente com Lisboa, Viana e Caminha) a Madeira nos séculos XV e XVI expedia madeiras, cereais e o açúcar. Em troca recebia um conjunto variados de bens, tais como tecidos, ferro, carne, peixe, sal, azeite, barro, louça, telha e ferramentas (Vieira, 1987, p. 148-149). O regimento do guarda-mor da Cidade do Funchal, de Janeiro de 1512, ilustra alguns dos produtos chegados do Continente: pescado, sardinha, carne, ferro, azeite, telha e barro. (AHM, 1974, p. 542).

A louça, em especial a utilitária ou comum, e pelo menos nos primeiros tempos do século XV, terá vindo de Lisboa, Porto e Setúbal. Esta situação poderá ser confrontada arqueologicamente com a análise macroscópica das pastas cerâmicas, e onde inclusive o grupo de Aveiro – bastante comum nos finais do século XVI e meados do XVII – é inexistente nos primeiros estratos antrópicos insulares.

Pelo lado açoriano, as transacções com o Reino assentavam com os portos de Lisboa, Aveiro, Tavira e Entre-Douro e Minho e Buarcos (actual freguesia da Figueira da Foz), fornecendo gado, cereais e pastel em troca de vestuário, sal, loiças, couros, azeite, vinhos, sardinha, frutos secos, e outros apetrechos (Santos, 1989, p. 366-385; Vieira, 1987, p. 149; Gil, 1981, p. 373; Gil, 1982, p. 368; Ferreira, 1984, p. 290-292; Godinho,

1. “*Para os portos nórdicos exportava-se quer açúcar, pastel e urzela, quer algodão e escravos; em troca, a ilha recebia os panos (Londres, Escócia, Ruão), cereais e peixe seco ou salgado*”; “*Dos portos de Barcelona e Valência recebiam habitualmente os panos de Castela*” (Vieira, 1987, p. 152).

1985, p. 94). Hugo de Linschoot, no século XVI, referindo-se à Ilha Terceira, anotou a dependência da ilha em relação aos apetrechos quotidianos e a outros produtos: “*Há ali muito peixe, carne e outras coisas necessárias (...)* Enquanto ao azeite trazem-no de Portugal, assim como os potes, pratos e louça de barro e outros utensílios, os quais não se acham na ilha” (ed. Agostinho, 1943, p. 151). Paralelamente a esta economia de mercado, os lucros rentáveis dos bens exportados, sobretudo do pastel e do açúcar, enriqueceram os intervenientes directos no comércio, que iniciam a assunção do gosto para bens de luxo importados do Norte de Itália, Sul de Espanha, Países Baixos, França, Flandres, Alemanha e Inglaterra. Além das loiças exóticas e de qualidade de fabrico europeu e oriental, a aristocracia insular passa a adquirir outros bens sumptuosos, caso das pinturas, esculturas e outros móveis flamengos² que ornamentaram as residências solarengas madeirenses, ou das jóias e tecidos adquiridos pela nobreza e pelos ricos comerciantes açorianos.³ Neste aspecto, é fundamental precisar que, embora uma boa parte da historiografia insular sustente a aquisição de “obras de arte” flamengas pelos lucros do comércio transatlântico, a arqueologia tem vindo nos últimos tempos a sustentar a fruição de outros bens que também podiam garantir o “*status social*” do comprador, nomeadamente pelos serviços de louça dourada de Valência e do Norte de Itália.

3. AS IMPORTAÇÕES CERÂMICAS EUROPEIAS

O estudo do espólio arqueológico associado a contextos arqueológicos quinhentistas da Madeira e dos Açores mostra a presença de peças de cerâmica de importação europeia, caso das faianças valencianas (tradicionalmente conhecidas pelo grupo de Paterna/Manises) e andaluzas (nomeadamente de Sevilha), a par das séries de majólicas italianas (Montelupo e Pisa) e das produções francesas e alemãs.

O estudo deste grupo específico de cerâmica, independentemente do aspecto tecnológico relacionado com a sua produção, remete para o aspecto dos circuitos económicos subjacentes à sua distribuição, expressando, também, o valor económico, social e cultural que representaram nos diversos segmentos da sociedade insular que delas fizeram uso. A afluência de estrangeiros atraídos pelo florescente comércio das ilhas (açúcar, cereal, pastel, vinho), a partir dos finais do século XV, terá contribuído para a introdução de outros artigos de referência. Apesar do significativo silêncio das fontes

2. Vide, por exemplo, Zagallo, 1955, p. 7-19; Gouveia, 1991, p. 11-22 e Everaert, 1989, p. 442-63.

3. Por exemplo: “*12 travesseiros de linho de Ruão*”; “*hum cobertor vermelho de pano de Londres*”; “*8 toalhas de mesa com lavor da Flandres*”; “*hua pedra bazar das Índias major que um ovo de pomba*” (Gil, 1979, p. 140-185).

escritas em relação à louça corriqueira, os testamentos e os inventários quinhentistas e seiscentistas dos grupos sociais mais endinheirados suscitam elementos que nos servem para entender a presença de determinadas peças de importação, com afinidades a este específico *status* social local. Dentre dos sítios de proveniência destes bens móveis, a documentação localiza uma predominância do território actualmente espanhol, designadamente das comunidades autónomas da Andaluzia (Málaga, Sevilha)⁴ da Catalunha (Talavera)⁵ e da região Valenciana (Valência).⁶

3.1 A diversidade das produções sevilhanas

O grosso do conjunto de cerâmica esmaltada presente nos sítios arqueológicos em estudo aponta genericamente para dez tipos de produções da região de Sevilha do século XVI:

- 1 – Esmaltada a branco sem decoração, conhecida por “*Columbia Plain*” (Goggin, 1968, p. 117-26; Muñoz e Cambra, 1999, p. 160-61) “*Plain White*” ou “*Blanca lisa*”;
- 2 – Esmaltada e decorada com motivos a azul e vinoso, “*Isabela polychrome*” (Goggin, 1968, p. 126-34) e “*azul y morada*” (Gutiérrez, 2000, p. 17-73);
- 3 – As produções de corda seca;
- 4 – Esmaltadas com azul liso, conhecidas pelas “*monocromas azules*” (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 217-44), “*Azul lisa*” (Muñoz e Cambra, 1999, p. 160-71) ou “*Caparra Blue*” (Gutiérrez, 2000, p. 17-73), com as congêneres a verde liso;
- 5 – Esmaltadas com cordões plásticos (Gutiérrez, 2000, p. 17-73);

4. “2 pratos finos sevillhanos”; e “1 paroleira sevillhana”, do inventário seiscentista de uma família aristocrata de São Jorge, Açores (Gil, 1979, p.193).

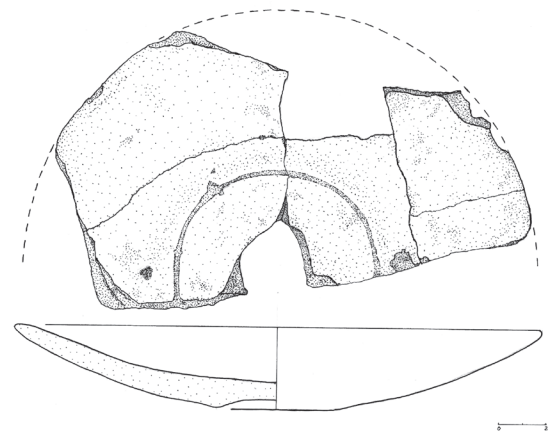
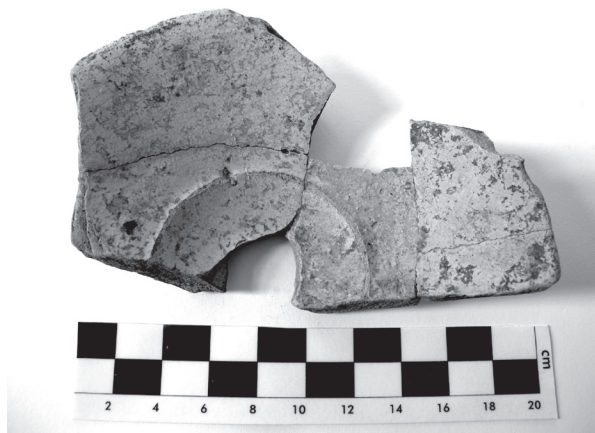
5. “9 pratos de talavera fina” e 2 pratos brancos de Talavera”, *Ibidem* (Gil, 1979, p. 193).

6. “malgas de Valencia”, *Ibidem* (Gil, 1979, p. 60).

- 6 – Esmaltadas a branco intercaladas a verde, as “*Columbia Plain withe and green*” (Deagan, 1987, p. 56-58 e Gutiérrez, 2000, p. 17-73);
- 7 – Esmaltadas a azul e branco, do tipo azul figurativa, “*Santo Domingo Blue on White*” (Goggin, 1968, p. 131-34 e Deagan, 1987, p. 9-61);
- 8 – Esmaltadas a branco com azul linear, “*Linear blue*” ou “*Yayal blue on White*” (Deagan, 1987, p.58-59) e a preto linear (Gutiérrez, 2000, p. 17-73);
- 9 – Esmaltadas azul sobre azul;
- 10 – As séries meladas, decoradas com óxido de manganés.

Um dos grupos mais representativos da cerâmica de importação é o da louça esmaltada, lisa e sem decoração, com paralelos que se enquadram nas diferentes séries andaluzas e que terá sido também produzida em Lisboa, na segunda metade do século XVI (Calado, 1988; Gomes, 1998, p. 345). É representado, essencialmente, pelos pratos com ônfalo e pelas escudelas carenadas. Em termos de quantificação é um tipo de loiça que surge em praticamente em todos os sítios arqueológicos em estudo dos Açores e da Madeira. As formas mais comuns são os pratos e as escudelas, embora também se tenham exumados os saleiros. Os pratos (figs. 1 e 2) são compostos por núcleos muito semelhantes às escudelas (bege ou rosa claro), com os bordos não espessados, combinando tipologias de lábios convexos ou afilados. Os fundos mostram, na parte inferior um ônfalo rodeado por um filete relevado e as bases côncavas. Os diâmetros da abertura variam entre os 180 e os 225 mm. Os exemplares mais íntegros foram recuperados das escavações do Convento da Piedade e dos estratos quinhentistas da Junta de Freguesia de Machico.

Relativamente ao tipo *Isabela polychrome*, decorada a azul e vinoso, estão identificados vários fragmen-



1 e 2. Prato esmaltado (JFM/06-22-3043).

tos de pratos e escudelas, com uma correspondência cronológica a apontar para a segunda metade do século XVI⁷. A decoração exibe frequentemente motivos decorativos esquemáticos e florais pintados a azul-cobalto e vinoso sobre o esmalte claro e as pastas compactas de tonalidade clara (variando entre o creme e o rosa). As escudelas mostram as superfícies esmaltadas a branco ou rosa claro, também com decoração linear a azul, variando a base entre o pé de anel e de assentamento em aresta. Estas importações sevilhanas dos séculos XVI estão bem documentadas em Machico, na Ribeira Grande e em Vila Franca do Campo.

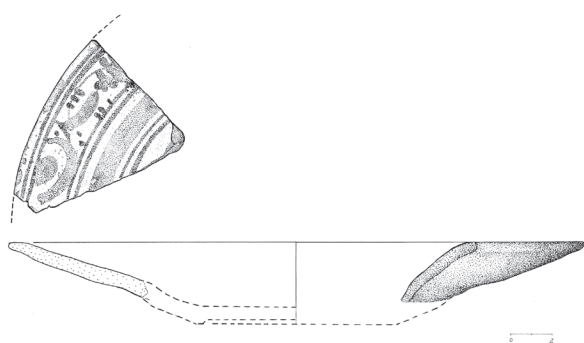
Os exemplares azuis e vinados sevilhanos encontrados na Cidade de Machico (figs. 3 e 4) encontram paralelos com as peças de Vila Franca do Campo e com as da Ribeira Grande (representadas essencialmente por pratos). Os pratos machiquenses afiguram graficamente diâmetros que oscilam entre os 282 e os 192 mm, com bordos ligeiramente extrovertidos e lábios afilados e convexos. As pastas são geralmente claras (K51) e de

trama compacta e homogénea. As decorações são predominantemente de teor geométrico e floral, combinando os apontamentos a azul e cor de vinho. As escudelas são frequentemente carenadas (figs. 5 e 6), e com decoração geometricizante apenas na superfície estanhada interior. As pastas, tal como os congéneres pratos, são de textura compacta e de cor clara (K51) e apresentam um diâmetro máximo de 130 mm.

Temos, de seguida, as séries de louça de mesa decoradas a azul linear⁸. As formas mais características dentro desta decoração a azul linear são os pratos e as escudelas, exumados principalmente nos contextos da Junta de Freguesia de Machico, Santa Casa da Misericórdia, Quinta dos Padres e Mosteiro de Jesus da Ribeira Grande. As peças mais comuns são os pratos (figs. 7, 8 e 9), de pastas beges ou rosas claras (K51, M27, L47, L25, K71), com escassos desengordurantes. As escudelas, por um lado, exibem as bases de assentamento de aresta ou anelar, com diâmetros a rondar os 164 mm e os bordos de tipologia ligeiramente

7. Com paralelos conhecidos nos estudos de Goggin (1968), de Pleguezuelo e Lafuente (1995, p. 230-33), de Katheleen Deagan (Deagan e Cruxent, 2002, p. 15 e Deagan, 1987, p. 58-59) e de Muñoz e Cambra (1999, p. 161).

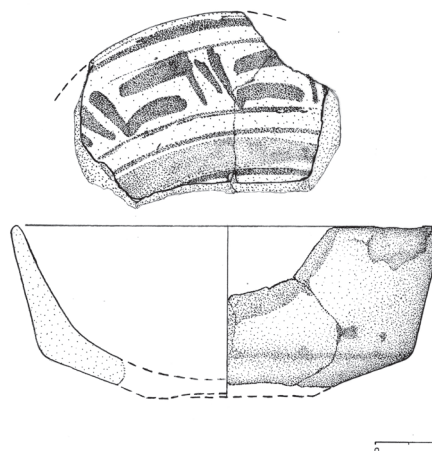
8. Estas peças estão presentes em vários sítios portugueses (Mendes e Pimenta, 2007, p. 73; Cardoso e Rodrigues, 1991, p. 575-85 e Gomes e Gomes, 1991, p. 457-90).



3. Prato decorado a azul e vinoso (JFM/06-22-3026).



4. Prato decorado a azul e vinoso de Vila Franca do Campo (VFC/MSO-5).



5 e 6. Escudela com decoração geométrica a azul e vinoso da Junta de Freguesia de Machico (JFM/06-22-3027).

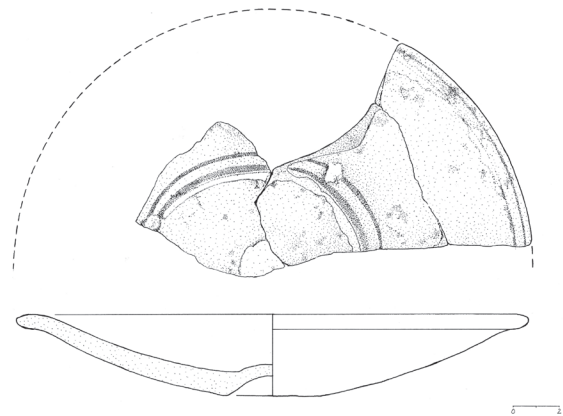
extrovertida e lábios afilados ou convexas. A decoração compõe-se, essencialmente, por linhas concêntricas na parte interna do bordo e no fundo, ocasionalmente com motivos simples (espirais ou estilizações geométricas ao centro). Os pratos, por outro lado, seguem não só o esquema decorativo das escudelas (duas linhas concêntricas na superfície interna, com espessura que variam entre 1 e 3 mm), como a textura das pastas é muito semelhante. Os diâmetros oscilam entre os 210 mm e os 223 mm (figs.7 e 8). Os bordos apresentam inflexão externa, combinando tipologias de lábios convexas ou afilados. Do ponto de vista morfo-tipológico são muito idênticos às séries esmaltadas lisas, sem decoração, característica bem vincada pela existência do ônfalo saliente rodeado por um filete relevado, com bases côncavas.

Algumas escudelas caracterizam-se, também, pelo núcleo da pasta rosa (M27), situação que levanta uma outra dificuldade quanto à caracterização do fabrico de origem, pois, tradicionalmente, as pastas mais rosadas são atribuídas às produções valencianas. No entanto, não deixamos de parte o facto de esta loiça também ter sido fabricada nas olarias portuguesas na segunda metade do século XVI pois observam-se variantes geométricas à base de linhas paralelas onduladas e concêntricas.

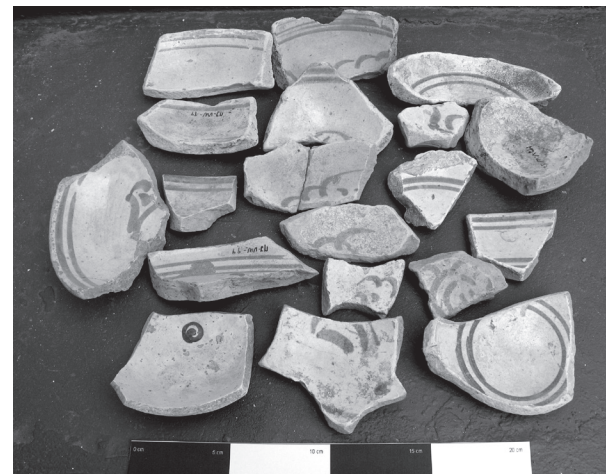
Este conjunto decorativo sevilhano, que se insere tradicionalmente no grupo mourisco (Muñoz e Cambra, 1999, p. 160-61), é frequentemente associado à influência directa das produções italianas no mercado europeu. O exemplo mais representativo da fase "italinizante" (AAVV, 1997, p. 129-57) com a evolução para paredes menos espessas, perfis mais sinuosos e bases de assentamento anelar (pratos e tigelas), assinala-se nas séries azul sobre azul, de imitação das cerâmicas lígures⁹ (em que se representam diversos motivos decorativos no tom azul escuro sobre um fundo azul claro) (fig. 10).

Inserido na decoração linear e com um uso multifacetado na casa moderna, temos os alguidares vidrados a óxido de estanho (fig. 11), decorados no interior e área do bordo através de linhas paralelas, concêntricas e onduladas em tons de azul.¹⁰ São peças que até ao momento estão referenciadas no recheio do Convento da Piedade de Santa Cruz e que tipologicamente apresentam um bordo com engrossamento externo, lábios semi-convexos ou ligeiramente aplanados.

A sétima tipologia do grupo sevilhano integra as esmaltadas a azul e branco, do tipo azul figurativa ("Santo



7 e 8. Prato de mesa decorado a azul linear (JFM/06-22-3044).



9. Exemplares esmaltados a azul e linear do Mosteiro de Jesus da Ribeira Grande (MJ-VW-99-207; MJ-VW-99-208 ; MJ-VW-99-209 ; MJ-VW-99-210 ; MJ-VW-99-211; MJ-VW-99-213; MJ-VW-99-214 ; MJ-VW-99-215; MJ-VW-99-216; MJ-VW-99-217; MJ-VW-99-218; MJ-VW-99-219; MJ-VW-99-220; MJ-VW-99-221; MJ-VW-99-222; MJ-VW-99-223; MJ-VW-99-224; MJ-VW-99-225).

Domingo Blue on White"), presentes nos sítios arqueológicos da Madeira (Junta de Freguesia e Convento da Piedade) e Açores (Mosteiro de Jesus). O número de fragmentos em estudo é reduzido (doze, entre os quais o da figura 12), permitindo a identificação morfo-tipológica (pratos de pastas compactas de cor creme,

9. Na segunda metade do século XVI, os modelos mais seguidos nas produções de Sevilha são os de tipo lígure, com séries branco, azul sobre branco e azul sobre azul, como técnica local da berettina italiana (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 240 e Muñoz e Cambra, 1999, p. 162).

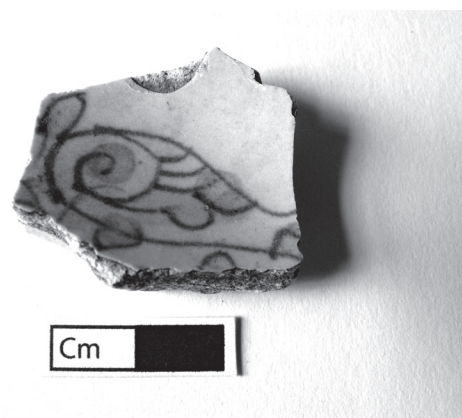
10. Com paralelos identificados nos exemplares recolhidos em Sevilha (Muñoz e Cambra, 1999, p. 167).

K71, e base de assentamento anelar). Nas decorações predominam os motivos zoomorfos (aves) e fitomórficos, à semelhança de outros recipientes estudados para as colónias da América e Ilhas Britânicas (Goggin, 1968, p. 131-34; Lister e Lister, 1982, p. 55-57; Deagan, 1987, p. 59-61 e Gutiérrez, 2000, p. 17-73).

O quinto tipo de cerâmica andaluza com cordões plásticos associados está unicamente presente nos estratos secundários da Junta de Freguesia de Machico, garantindo, assim, uma vez mais a qualidade dos estratos daquele sítio para a compreensão do perfil das importações nos primeiros tempos de povoamento na Madeira. Recolheram-se, para análise, alguns exemplares de bordo e bojo de escudelas (fig. 13), contendo as pastas de textura semi-compacta, de cor clara (L71 ou K30), com os típicos cordões verticais na área do bojo, pigmentados a verde¹¹. Os bordos das escudelas são de orientação vertical e os lábios apresentam-se ligeiramente afilados.

Um outro fragmento de cerâmica esmaltada (figs. 14 e 15) levanta, no entanto, muitas interrogações no que respeita à sua origem e funcionalidade. Trata-se de um fragmento de bordo e parede de uma peça quadrangular, com as superfícies esmaltadas de cor amarelo pálido e pasta muito bem depurada de cor creme (L75), observando-se na superfície externa uma decoração do tipo relevado, com nuances a verde-claro. Pelo tipo de decoração, nomadamente os cordões verticais e a textura da pasta, parece tratar-se de uma peça esmaltada integrante neste tipo particular de produções sevilhanas do século XVI, de tradição morisca. A sua utilização na casa quinhentista é hoje discutível. Alguns exemplares dos Países Baixos, com vidrado interno, são cuspidores do século XVI (Janssen e Nijhof, 1992, p. 351).

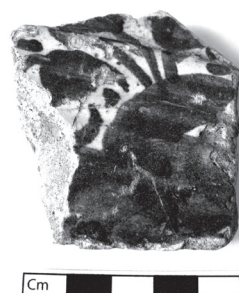
Algumas cerâmicas com as superfícies vidradas a verde, e individualizadas pelos alguidares, talhas, manilhas tubulares¹² e pias de água benta, podem antever também uma importação sevilhana. Um dos fragmentos de parede (fig. 16) com 12 mm de espessura e pasta de textura semi-compacta de cor acastanhada (N27), e com veio de 4mm alaranjado (N35), da unidade estratigráfica 22 da Junta de Freguesia de Machico, mostra equivalência com alguns exemplares recolhidos em Isabela na América do Sul ("*bizcocho, cream-colored unglazed*", Deagan e Cruxent, 2002, p. 159). Mostra possivelmente uma decoração geométrica, tratando-se provavelmente de recipientes de armazenagem e transporte de líquidos nos finais do século XV.



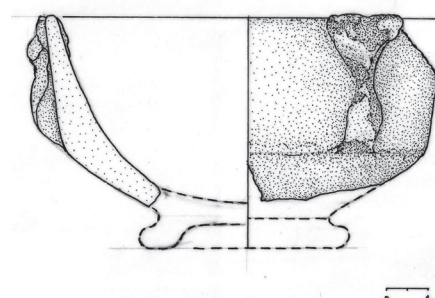
10. Fragmento de parede das séries azul sobre azul, de imitação das cerâmicas lígures (JFM/oo-3-18a).



11. Fragmentos de alguidares com decoração a azul-cobalto, provenientes das escavações do Convento da Piedade, Santa Cruz (CP/03-581; CP/03-583; CP/03-571; CP/03-579; CP/03-557).



12. Fragmento de parede das séries azuis figurativas sevilhanas (CP/03-576).



13. Perfil de escudela esmaltada com cordões plásticos (JFM/06-22-3040).

11. Com interessantes paralelos registados por Alejandra Gutiérrez, em <http://www.dur.ac.uk/spanish.pottery/Page14.htm>.

12. Estes itens são estudados no sub-capítulo "3.3. *Arquitecturas e equipamentos funcionais*", do estudo citado de Sousa, 2011.

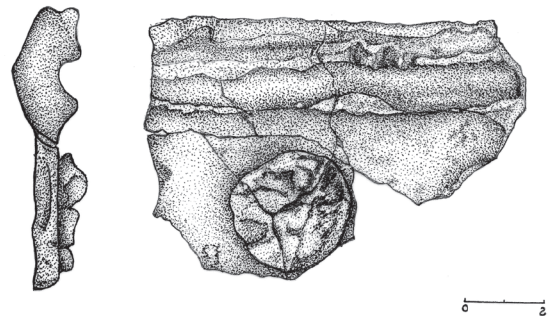
Outros dois raros exemplares, e que possivelmente associamos ao culto religioso no Convento da Piedade (fig. 17) materializam evidências de possíveis pias de água benta com as superfícies profusamente decoradas na técnica incisa com gramática geométrica¹³. O bordo é de tipologia espessada e a pasta porosa e compacta de tonalidade cinza (M31). O diâmetro da abertura (385 mm) pode significar a funcionalidade da peça que, por estabelecimento de paralelos, pode integrar a tipologia das produções andaluzas vidradas propostas por Florence e Robert Lister (1987, p. 114). Estas peças podem incluir outras produções sevilhanas que também identificámos como pertencentes às pias de água benta, resultantes do espólio arqueológico do Convento da Piedade escavado por António Aragão nos anos 60. Um dos fragmentos em causa (fig. 18), uma parcela de um fundo côncavo vidrado verde, exibe na superfície externa uma decoração a baixo-relevo (provavelmente uma figura humana), com um orifício de saída de líquidos. Os vestígios de argamassa existentes na pasta podem in-

diciar um uso no enchimento construtivo, tal como nos outros dois exemplares (fig. 17).

Outras produções muito particulares atribuídas às produções das oficinas sevilhanas, a partir do século XV, são as esmaltadas monocromas a azul e a verde (tipo 4). As séries em azul aparecem, singularmente, associadas a formas fechadas, normalmente recipientes de mesa, como sejam os jarros e os canudos para armazenagem de líquidos e sólidos (Muñoz e Cambra, 1999, p. 62 e Gutiérrez, 2000, p. 17-73). Destaca-se de um conjunto de quinze fragmentos (doze de paredes indeterminadas; um de uma tampa e um outros dois de uma asa), a exemplaridade da Unidade 22 da Junta de Freguesia de Machico¹⁴ com vários fragmentos exumados, caracterizados pelas pastas de textura semi-compactas, de tonalidade clara, L71. Um componente associado a recipientes cerâmicos fechados (tampa, figs. 19 e 20) exibe o núcleo das pastas bege (K51), com a aplicação da tonalidade azul apenas na superfície externa. O exemplar de asa do Convento da Piedade, provavelmente

13. Sobre as pias baptismais sevilhanas consulte Perera, 1992, p. 191-212 e Suárez, 2000, p. 467-85).

14. Também nas escavações realizadas em 2000 no espaço da Alfândega de Machico (ALF/00-4-65, Sousa, 2006, p. 156).



14 e 15. Fragmento de parede de uma peça quadrangular com cordões plásticos (JFM/00-4-321).



16. Fragmento da parede de cerâmica vidrada, do tipo "bizcocho, cream-colored unglazed", (JFM/06-22-3452).

17. Fragmento de bordo e bojo de possíveis pias de água benta de tamanho reduzido do Convento da Piedade, Santa Cruz (CP/03-987; CP/03-989).

de um jarro (fig. 21), com uma espessura de 13 mm, revela também uma pasta de homogênea de tonalidade creme (L71), com escassos desengordurantes.¹⁵ É bem possível que este tipo de cerâmicas esmaltadas com monocromia a azul corresponda às importações madeirenses de “*mea duzia de pucoros azus*”, a que se refere o manuscrito do primeiro quartel do século XV.¹⁶ Outra forma com representação em Machico é o púcaro, com duas tonalidades distintas de verde em ambas as superfícies, bordos direitos com lábios arredondados e decoração plástica, em forma de mamilo no alinhamento do lábio (fig. 22). O verde mais intenso surge na expressiva maioria na superfície externa, exceptuando alguns fragmentos de escudelas e pratos de cerne rosado (M47), com as duas partes esverdeadas com idêntica intensidade. Segundo Alfonso Pleguezuelo e Pilar Lafuente, algumas produções a verde e branco andaluzas, em paredes finas e mais espessas, apresentam variantes de acabamento, nomeadamente com revestimento interior e exterior esmaltado a verde ou a verde por fora e branco por dentro (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 236).

O tipo 3, ilustrando as produções de corda seca, representa-se apenas com um fragmento de base e de arranque de parede de um prato de cerâmica com tonalidades de azul, branco e amarelo-torrado (figs. 23 e 24). A coloração do núcleo é muito semelhante aos outros fabricos sevilhanos (K51) e tipologicamente a base é assentamento em aresta. São peças que se enquadram nas manufacturas sevilhanas dos finais do século XV, princípios do século XVI, com paralelos conhecidos (Suárez, 2007, p. 169 e Goggin, 1968, plate 5).

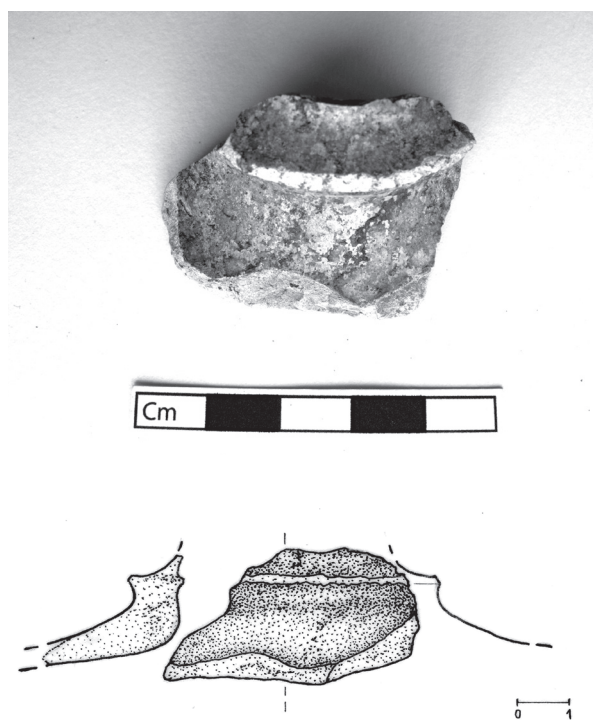
São também tradicionalmente atribuídas às oficinas de Sevilha os pratos (fig. 25) decorados com óxido de manganês (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 228-44). A decoração a óxido de manganês, conjugada predominantemente à base de motivos geométricos, surge individualizada na superfície interior dos pratos e escudelas de cor castanha, recolhidas predominantemente nos estratos arqueológicos do século XVI. As bases são reentrantes, algumas com uma fina incisão. A tonalidade do núcleo varia entre o bege (K91) e a vermelha ou rosa (N45, N57). É muito provável, não obstante a possível produção portuguesa, que algumas destas peças tenham sido importadas das oficinas andaluzas ou valencianas. Identificaram-se, também, modalidades de pratos, exibindo pastas de textura compacta e tonalidade creme (K75), com ambas as superfícies vidradas a verde (com brilho metálico) e outros exibindo nuances verdes.

15. Com paralelos situados em Alejandra Gutiérrez, 2011, <http://www.dur.ac.uk/spanish.pottery/Page14.htm>.

16. ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte II, Maço 97, doc. 60, Microfilme 5867, fl.1, publicado inicialmente em Sousa, 2007, p. 24-29.



18. Fragmento de parede com decoração antropomórfica (CP/03-58).



19 e 20. Tampa das séries esmaltadas a azul liso da Junta de Freguesia de Machico (JFM/06-22-3012).



21. Fragmento de parede de um jarro de cerâmica esmaltada a azul liso (CP/03-549).

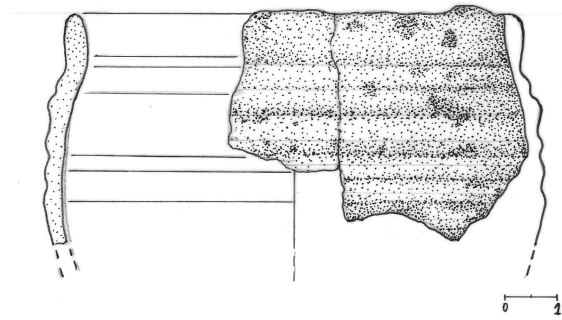
3.2 As séries douradas valencianas

Com vários exemplares recolhidos de unidades estratigráficas com uma cronologia relativa atribuída aos finais do século XV (por exemplo, a unidade 22 da Junta de Freguesia de Machico), a cerâmica do grupo gótico-mudéjar valenciana ¹⁷ ou, como tem sido geralmente designada, louça de Paterna/Manises, marca presença nos espaços antropizados insulares. Trata-se de uma louça de excepcional qualidade, que se destaca pelos motivos decorativos a dourado com um brilho muito especial, muito provavelmente peças ao alcance das bolsas mais abastadas da sociedade dos séculos XV e XVII. Segundo Mercedes Mesquida Garcia, o final de Quatrocentos foi um período de viragem na gramática decorativa valenciana, marcada por uma nova ideologia do "Renascimento", em que os contactos sociais, económicos e culturais com a Itália trouxeram "*un nuevo aire fresco*" que, por sua vez, ajudou a renovar "*las decoraciones de la cerámica dorada, desapareciendo por completo las últimas reminiscencias musulmanas e introduciendo nuevas formas que imitan las vajillas de plata que comienzan a aparecer en las mesas de los Grandes de España, así como nuevos motivos animales y vegetales que recuerdan la flora y fauna del Nuevo Continente descubierto*" (García, 2002, p. 30-31).

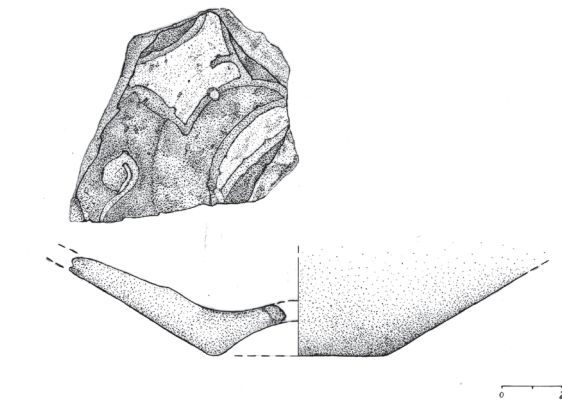
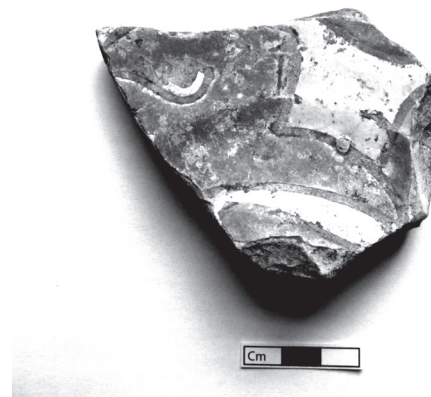
Estas produções gótico-mudejares, de reflexos dourados, estão referenciadas em Vila Franca do Campo, no Mosteiro de Jesus da Ribeira Grande e na Junta de Freguesia de Machico. Nos Açores, e em particular nos despojos das escavações levadas a cabo por Manuel Sousa d'Oliveira em Vila Franca do Campo, aparece nas modalidades formais de pequenas tigelas e de pratos. Um dos exemplares que parece enquadrar-se na segunda metade do século XV, exhibe decoração vegetal em azul e dourada (flores de breonia unidas pelas hastes), um motivo decorativo presente nas produções clássicas do século XV (Gutiérrez, 2000, p. 15-73). Estão, também, presentes nos escombros do Mosteiro de Jesus da Ribeira Grande (Fig.26) e nas Casas de João Esmeraldo-Cristóvão Colombo, no Funchal.

O fragmento da Ribeira Grande, constituindo uma porção de bordo e de parede de uma escudela de orelhas do grupo gótico mudéjar valenciano (fig. 26), exhibe uma decoração dourada com tonalidades metálicas, combinado motivos geométricos e vegetalistas nas superfícies interna e externa. Apresenta uma base de vidro estanífero de boa qualidade. Na superfície

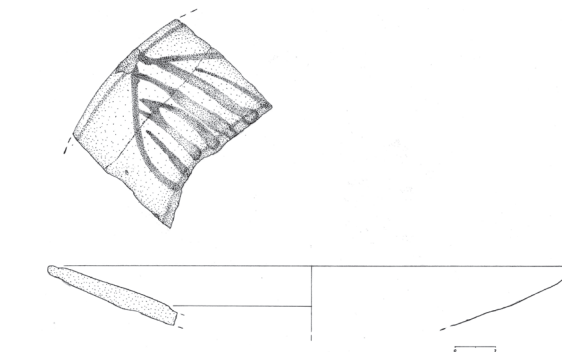
17. Adoptando o conceito actualmente proposto por vários autores (Amigues, 1995, p. 141). Expressão que reforça o desempenho dos oleiros mudéjares no excepcional fabrico destas séries de louças caracterizadas essencialmente por dois grandes grupos decorativos: um grupo em que a cerâmica é pintada com dourado; e um outro que combina a pintura azul e dourada.



22. Púcaro a verde liso da Junta de Freguesia de Machico (CTM/03-23-26).



23 e 24. Prato de corda seca da Junta de Freguesia de Machico (JFM/06-22-3029).



25. Prato melado decorado a óxido de manganés (JFM/06-22-3388).

externa observa-se o arranque facturado de uma provável pega de orelhas, de orientação horizontal, factura que também deixa antever a qualidade e a tonalidade da pasta (compacta, com escassos desengordurantes e de tonalidade rosada, L35). O bordo é direito e o lábio surge ligeiramente afilado.

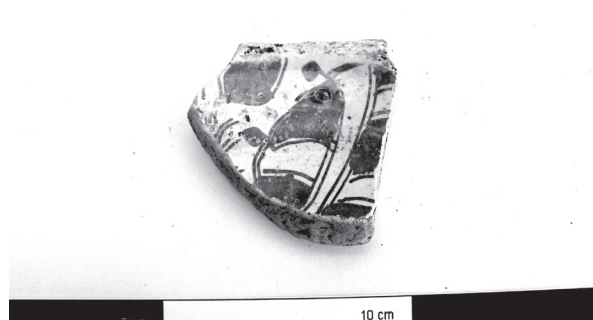
A Junta de Freguesia de Machico forneceu um conjunto mais numeroso e homogêneo, represado pelas escudelas (fig. 27) e pelos pratos. A escudela (fig. 27), ostentando uma decoração que pode deduzir a estilização de um pássaro deformado (observando-se a representação das penas), mostra paralelos com uma escudela dos finais do século XV e princípios do século XVI (Amigues, 2002, p. 70).

3.3 As importações italianas

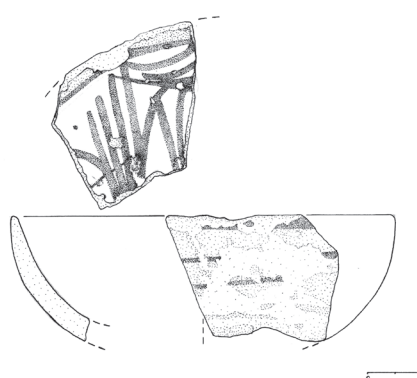
As produções italianas de loiça de qualidade, estão documentadas arqueologicamente em vários sítios arqueológicos insulares (Convento de Jesus Ribeira Grande, Junta de Freguesia, Casa com Porta Manuelina, Misericórdia, Convento da Piedade, Quinta dos Padres e Casa do Esmeraldo).

Desde muito cedo foi sentida a presença de italianos (oriundos de Génova, Veneza e Florença) nas ilhas atlânticas, com maior expressão na Madeira e nas Canárias, fortemente atraídos pelo comércio da urzela e do açúcar (Vieira, 1999). Nas relações com o espaço mediterrâneo, as cidades italianas de Génova, Veneza, Livorno e Pisa representavam centros de recepção do açúcar, de tábuas de cedro e vinhático, urzela e couro. Em troca remetiam tecidos, trigo e outros objectos de luxo (Rau, 1973).

Os estratos arqueológicos do século XVI forneceram alguns fragmentos de majólicas italianas, sobretudo produções da região de Montelupo, na Toscana. Aquele centro produtor ganhou preponderância com a conjuntura político-económica do início do século XV, em que a supremacia de Florença sobre Pisa permitiu uma maior abertura comercial, em função do porto local de Pisa e da posição de Montelupo nas proximidades do Rio Arno (Milanese, 1994, p. 85). O período que medeia entre os finais do século XV e a primeira metade do século XVI foi, de facto, extraordinariamente relevante, quer no aspecto tecnológico e decorativo da indústria cerâmica, quer ao nível das exportações de Montelupo, grande parte por influência dos mercadores florentinos, para toda a área do Mediterrâneo e Noroeste europeu (Milanese, 1993, p. 32) e, também, para as ilhas do Atlântico. O conjunto mais comum e com representação nas ilhas da Madeira (Junta de Freguesia de Machico, Misericórdia e Convento da Piedade em Santa Cruz, Quinta dos Padres, no Funchal) e Açores (Mosteiro de Jesus, Ribeira



26. Escudela de orelhas do grupo gótico mudéjar do Mosteiro de Jesus, da Ribeira Grande (MJ-VW-99 – peça n.º 26).



27. Escudela com decoração dourada da Junta de Freguesia de Machico (JFM/06-22-3041).



28 e 29. Prato de majólica italiana montelupina (JFM/06-22-3017).

Grande) revela-se nas produções montelupinas da primeira metade do século XVI. As importações da região de Montelupo coincidem *grosso modo* com dois tipos de decoração. Um primeiro tipo, representado em particular pelos pratos decorados com orla a azul sobre esmalte branco, na técnica “*alla porcellana*” (Pannuzi, 2003, p. 104-05; Hurst, Neal e Beuningen, 1986, p. 21-22), descrevendo motivos florais, foi exumado nos estratos quinhentistas da Junta de Freguesia, em Machico e na Misericórdia, em Santa Cruz (figs. 28 e 29) e no Mosteiro de Jesus da Ribeira Grande. É uma produção típica de Valdarno, iniciada na primeira metade do século XV. São peças que se encontram, também, disseminadas pelo comércio espanhol nas Américas, Sul do Mediterrâneo e no Norte da Europa (Lister e Lister, 1976, p. 28-41; Milanese, 1993, p. 32). A decoração dos pratos é cuidada e forma, geralmente, bandas fitomórficas circundadas por linhas paralelas. As pastas são homogêneas, de trama compacta, de cor creme (K33), com escassos desengordurantes visíveis a olho-nu. Os diâmetros variam entre os 224 e os 250 mm e os bordos são de inflexão externa e lábios boleados¹⁸. O outro conjunto, ainda mais expressivo, integra-se, efectivamente, nas séries policromas da segunda metade do século XVI, exibindo uma maior profusão de cores (azul, vermelho, verde, laranja) e típicos motivos florais. Na sua maioria constituem fragmentos de parede de recipientes, cuja identificação tipológica é problemática, embora em determinados casos fosse possível caracterizar elementos pertencentes a pequenas taças e pratos. As pastas são claras, de textura compacta e muito bem depuradas com esmaltes finos de fraca aderência. Alguns fragmentos, também policromos, podem pertencer às séries montelupinas do segundo quartel do século XVI com decoração do tipo “*blu graffito*” (Aliprandini e Milanese, 1986, p. 266), que são representadas por vários exemplares de pratos (fig. 30)¹⁹. As importações do Norte de Itália (Pisa)²⁰, do tipo marmoriado e esgrafitado (Berti, 2004, p. 355-92) dos séculos XVI e XVII, estão presentes fisicamente na área urbana de Machico (Junta de Freguesia e Casa com a Porta Manuelina), Santa Cruz (Convento da Piedade) e Ribeira Grande (Mosteiro de Jesus). As produções mais comuns são as da aplicação de técnica de revestimento marmoriado (listras amarelas, vermelhas alternadas, às vezes, com um toque de verde e vermelho), possivelmente fabricadas nas oficinas pisanas do século XVI (fig. 31). As pastas são

de textura compacta, onde a decoração é feita sobre um engobe amarelado. É um tipo de produção que está atestada em escavações arqueológicas italianas (Pannuzi, 2003, p. 92; Milanese e Baldassarri, 2004, p. 293 e Tullio, 2004, p. 292) e nas “colónias” da América espanhola (Lister e Lister, 1987, p. 209). Berti sintetiza a decoração e a cronologia das produções policromas: “*Nelle versioni policrome si hanno quelle a tre e a quattro toni cromatici, con lággiunta del marrone o del verde, oppure di entrambi. La fabbricazione di questo manufatti era sicuramente in atto nella seconda metà deo XVI secolo e nella prima del successivo*” (1997, p. 46). As esgrafitadas (fig. 32) fazem-se representar por fundos e bordos de pratos de alegadas produções pisanas do século XVI, de pastas vermelhas bem cozidas, formando motivos geométricos (círculos concêntricos) e estilizações zoomórficas e motivos botânicos policromos (verde e amarelo). As superfícies estão esmaltadas a branco aderente e as pastas mostram raríssimas inclusões plásticas. Exemplares muito semelhantes, para efeitos de paralelos, estão referenciados na Itália (em Campânia, Crescenzo e Pastore, 1994, p. 138 e em Valdivole, Milanese e Baldassarri, 2004, p. 191-343 e Berti, 2004, p. 355-92), Inglaterra (Aavv, 2002, p. 84) e na América do Sul²¹ (Deagan e Cruxent, 2002, p. 159). Do ponto de vista da sua contextualização, o facto de ter sido identificada apenas nos contextos quinhentistas do Mosteiro de Jesus na Ribeira Grande e de não termos, até ao momento, outro termo de analogia no que respeita aos sítios das Ilhas Atlânticas em estudo, levanta a hipótese de se tratar de uma loiça de relevo em termos de aquisição. Por exemplo, os arqueólogos americanos que escavaram a povoação de La Isabela, hoje República Dominicana, chegaram à conclusão de que é um tipo de cerâmica associada à elite residencial da localidade (Deagan e Cruxent, 2002, p. 159). Marco Milanese e Giovanni Aliprandini anotam que em várias regiões italianas foram identificadas séries especializadas para o uso conventual, na atmosfera de Contra-Reforma, com figuras de santos (Aliprandini e Milanese, 1986, p. 266). Também do Noroeste da Itália, nomeadamente da Ligúria²² são as peças pintadas a azul sobre azul identificadas no Mosteiro de Jesus, Convento da Piedade e na Junta de Freguesia de Machico. São importações que se fazem representar, essencialmente, por tigelas e pratos²³. Os exemplares mostram os núcleos de pasta compacta homogênea de tonalidade creme (K71),

18. Pratos deste tipo estão documentados em Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 190).

19. O tipo decorativo representado pelo fragmento JFM/00-4-68 está referenciado nas exportações das “colónias espanholas” (Deagan, 1987, p. 108).

20. A documentação insular dos séculos XVI e XVII refere-se, por exemplo, às “malgas” e aos “saleiros” oriundas de Pisa (Gil, 1979, p. 60, 70).

21. Cfr., *Jamestown Ceramic Research Group*: http://www.preservationvirginia.org/rediscovery/page.php?page_id=273.

22. Note-se que Lisboa importava, na primeira metade do século XVIII, loiça pintada de Génova, (Vasconcellos, 1883, p. 271).

23. Alguns paralelos podem ser observados em: Blake, 1981, p. 99-124; Lister e Lister, 1976, p. 311-20; Hurst, Neal e Beuningen, 1986, p. 27, fig.10 e 19.

com as superfícies decoradas a azul-escuro sobre azul mais claro, na técnica "berettino" (Aliprandini e Milanesse, 1986, p. 268), formando motivos geométricos e florais. Exceptuando os fragmentos disponíveis das séries azuis sobre azul da Junta de Freguesia de Machico e Mosteiro de Jesus, cujo fabrico atribuímos às fábricas da Ligúria, os restantes exemplares foram remetidos para o grupo de proveniência desconhecida.

3.4 As importações dos Países Baixos e da Alemanha

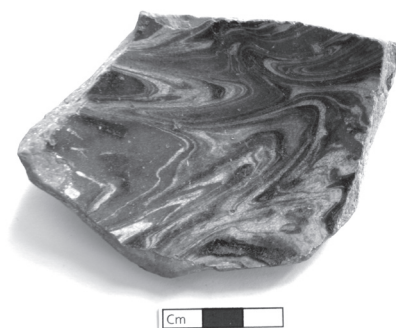
Importações dos Países Baixos e da Alemanha estão igualmente presentes nos sítios arqueológicos insulares dos séculos XVI e XVII. Alguns exemplares de pratos do Mosteiro de Jesus da Ribeira Grande (fig. 33) inserem-se nas importações da loiça vidrada da Alemanha, nomeadamente da região de Werra. A figura 33, que caracteriza os pratos com a tipologia dos bordos com inflexão externa e bases mais ou menos côncavas, mostra uma tonalidade decorativa diversificada (amarelo, esverdeado e castanho), formando temas centrais de temática antropomórfica, zoomórfica, botânica e geométrica. Mostram bandas alternadas a castanho e a verde, verticais na aba, e ao centro motivos fitomórficos. As pastas apresentam-se de textura compacta, em tons de castanho avermelhado (M47), com escassos desengordurantes. Esta loiça vidrada insere-se nas produções utilitárias alemãs dos séculos XV e XVI, bem individualizada pela sua pasta vermelha, e teve um impacto significativo nos mercados locais (Wilcoxon, 1987, p. 77). Ainda do ex-Mosteiro de Jesus são provenientes mais dois bordos e bojos de pratos da região de Werra (fig. 34). As pastas são semelhantes às anteriores (de trama compacta, em tons acastanhados avermelhado, M47), e as decorações sobre o vidrado castanho caracterizam-se por pinceladas a branco na área do bordo e círculos concêntricos no bojo, à semelhança de recipientes publicados por Hildyard (1999, fig. 15) e Hume (2001, p. 55-57 e p. 276-85).

Outras importações germânicas dos séculos XVI e XVII e que derivam, essencialmente, dos achados fortuitos na área urbana do Funchal, consubstanciam a evidência da aquisição e uso das típicas garrafas de grés características de várias localidades da Alemanha (Colónia, Raeren, Siegburg e Frechen). São exemplares conhecidos tecnicamente por "Greybeards", embora no meio do colecionismo e dos arqueólogos tenham sido baptizados por "Bellarmines", na assunção da crença de que a representação da figura masculina barbuda representasse o rosto e a figura do cardeal Bellarmino, um feroz adversário do protestantismo no Norte da Alemanha e nos Países baixos²⁴.

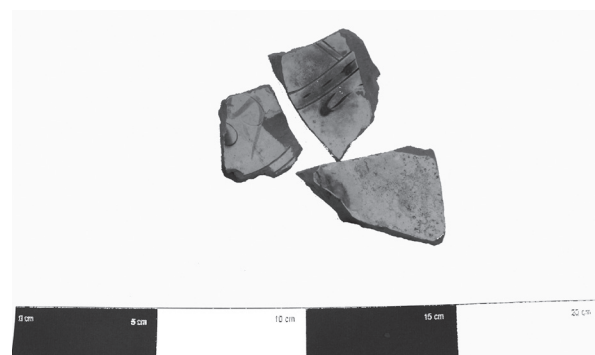
24. A este propósito consulte-se Caiger, 1967, p. 8-12.



30. Prato das séries "blu graffito" (CTM/03-21-31).



31. Fragmento de importação pisana marmorizada (CP/03-538).



32. Exemplares esgrafitados do Mosteiro de Jesus da Ribeira Grande (MJ/98-ValaW-Peça89; MJ/98-ValaW-Peçago; MJ/98-ValaW-Peça91).



33. Fragmentos de um prato da região de Werra (MJ/99-VW-Peça 60-61).

As duas excepcionais garrafas do Funchal FX/1998-3, fig. 35, semi-perfil de uma garrafa com asa lateral de secção circular e FX/1998-4, fragmento de parede com brasão) mostram a ornamentação da figura humana no gargalo e medalhões armoriados no corpo. As pastas são de coloração creme (L70) ou cinzenta (M73)²⁵. Supomos que estes dois exemplos expressam as produções da segunda metade do século XVII, altura em que o fabrico perde a qualidade das séries quinhentistas e, gradualmente, a expressões faciais e os outros motivos são cada vez mais estilizados e menos marcantes.

Com um possível fabrico situado em Antuérpia, nos Países Baixos, situam-se três fragmentos de um prato policromo de faiança da segunda metade do século XVI (figs. 36 e 37). O bordo sujeito a análise exhibe uma pasta de textura semi-compacta de cor creme (K30) e é detipologia extrovertida e lábio aplanado. A decoração aparece apenas na superfície interna, a azul e amarelo e de linhas paralelas com padrão semi-circular²⁶.

3. 5 As importações francesas

Sousa Viterbo escreveu que, antes do reinado de D. José – que acabou por proibir as importações de loiça europeias, exceptuando a chinesa em navios portugueses -, a louça ordinária era importada de Chincheos (China), da França, Holanda e Inglaterra (Viterbo, 1882, p. 544). Talvez se explique, por este passo a presença de produções esgrafitadas francesas na Madeira.

As importações da região de Beauvais do século XVI, Norte de França, estão bem presentes no recheio das habitações solarengas da actual Cidade de Machico (Junta de freguesia e Casa com a Porta Manuelina, fig. 38). O prato da Casa com a Porta Manuelina (fig. 38, CPM/06-5-36) e outros dois fragmentos (JFM/06-22-4233; JFM/06-22-4234, que também identificámos pertencentes a um prato) são confeccionados através da técnica grafitada, destacando-se os esverdeados e os castanhos. As pastas distinguem-se das congéneres alemãs de Werra (Hurst, Neal e Beuningen, 1986, p. 108-16), pelo facto de serem mais claras (Aliprandini e Milanese, 1986, p. 275), neste caso em particular de trama semi-compacta de cor creme (L70), com escassos elementos não plásticos. O bordo surge com um espessado externo e de inflexão extrovertida e o lábio é boleado.

25. Em termos de paralelismos é possível enquadrá-los nos exemplares publicados no guia dos artefactos da América (Hume, 2001, p. 56).

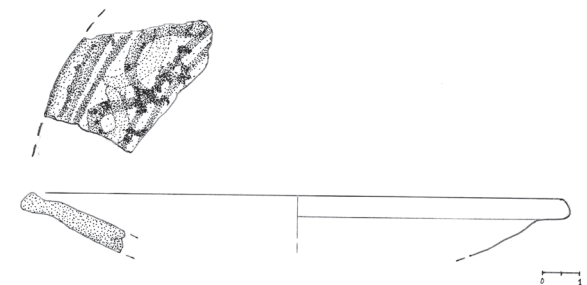
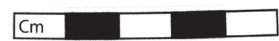
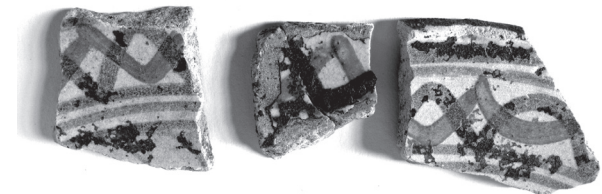
26. Colhe paralelos com um prato da majólica de Antuérpia (1550-1600) remetida por Alejandra Gutiérrez.



34. Fragmentos de um prato da região de Werra (MJ/98-VW-62-63).



35. Garrafa de grés alemão da área urbana do Funchal (FX/1998-3).



36 e 37. Fragmentos de um prato policromo dos Países Baixos (JFM/06-22-3031; JFM/06-22-3525; JFM/06-22-3526).



38. Fragmento de bordo e bojo de um prato francês decorado pela técnica grafitada (CPM/06-5-36).

Note-se que estas produções grafitadas de Beauvais tiveram o seu apogeu no século XVI, fabricando grandes quantidades de recipientes, ao que consta tendo por influência as séries italianas: *“i ceramisti locali (forse anonimi ceramisti italiani trasferitisi là?) fecere veramente i “salto mortali” pur di riuscire ad imitarei l vasellame graffito prodotto nella valle dell’Arno, che alimentava un fiorente mercado nelle zone costiere dell’Europa”* (Aliprandini e Milanese, 1986, p. 275).

COMENTÁRIO FINAL

A importação de bens cerâmicos europeus para os arquipélagos atlânticos no período após o achamento no século XV surge materializado no registo arqueológico. As ocorrências levantam inclusive novos dados sobre o consumo e o uso de cerâmicas de qualidade na casa insular, em particular nas habitações civis e de assistência do século XVI numa época de confluência de comerciantes e de produtos alimentados pela “economia de exportação” liderados pelo açúcar madeirense e pelo cereal e pastel açoriano.

Da vida material dos ilhéus, em partilha com a utilização das produções oláricas locais que a análise arqueológica suporta ter início na segunda metade do século XVI, fazem parte as loiças de qualidade oriundas de Espanha, Itália, Países Baixos, França, e Alemanha. Os dados servem de complemento à historiografia que sustenta a importação de “obras de arte” flamengas, e que é quase omissa na inventariação de peças cerâmicas desses locais.

O recheio da casa insular mais ou menos abastada é diversificado e reflecte não só a origem e o gosto emergente dos intermediários directos no comércio transatlântico como, também, o estatuto social da instituição individual e colectiva que usufrui do bem.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (2002) – *Nevis Heritage Project Interim Report 2001*, Southampton: University of Southampton.
- AAVV (1997) – Cerâmicas de la Edad Moderna 1450-1632. *Intervención Arqueológica en el Real Monasterio de San Clement. Una Propuesta arqueológica*. Sevilha, p. 129-157.
- AGOSTINHO, J. (tradução e notas) (1943) – História da Navegação do holandês João Hugo de Linschool, às Índias Orientais. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, n.º 1, p. 145-168.
- AHM – *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. XVIII, doc. n.º 349, 10 de Janeiro de 1512, 1974, p. 538-542.
- ALIPRANDINI, G. e MILANESE, M. (1986) – *La Ceramica Europea. Introduzione alla tecnologia alla storia e all'arte*. Genova: Edizioni Culturali Internazionale.
- AMIGUES, F. (1995) – La cerâmica gótico-mudéjar valenciana y las fuentes de inspiración de sus temas decorativos. GERRARD, C.; GUTIÉRREZ, A. e VINCE, A. – *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles/Cerâmica medieval espanhola en Espanha y en las Islas Británicas*. Oxford. Tempos Reparatum (Bar Internacional series, 610), p. 141-158.
- AMIGUES, F. (2002) – Las importaciones de Cerâmicas doradas valencianas de los talleres de Paterna en el Languedoc-Rosellón. *La cerâmica de Paterna. Reflejos del Mediterráneo*, Mercedes Mesquida García, dirección. Valencia. Museo de Bellas Artes (Museo de Bellas Artes de Valencia, del 19 de Abril al 9 Junio de 2002), p. 58-82.
- ANTT *Corpo Cronológico, Parte II*, Maço 97, doc. 60, Microfilme 5867, fl.1.
- BARROS, L; CARDOSO, G. e GONZALEZ, A. (2000) – Primeira Notícia do Forno de St.º António da Charneca- Barreiro. *Actas das Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul*. Barreiro. Câmara Municipal do Barreiro, p. 72-87.
- BERTI, G. (1997) – *Le Ceramiche Medieval e Post-Medieval*. Firenze: All'Insegna del Gliglio.
- BERTI, G. (2004) – Ingobbiate e graffite di area pisana fine XVI -XVII secolo, *Atti XXVII Convegno Internazionale della cerâmica – La ceramica postmedievale in Italia. Il contributo dell' Archeologia*. Albisola. Centro Ligure per la storia della cerâmica, p. 355-392.
- BLAKE, H. (1981) – Pottery exported from Northwest Italy between 1450 and 1830: Albisola, Genoa, Pisa and Montelupo. *Archaeology and Italian Society: Prehistoric, Roman and Medieval Studies*. G. Barker & R. Hodges, editors. British Archaeological Reports International Series, CII, p. 99-124.
- BRUDEL, F. (1983) – *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*. Lisboa: Dom Quixote, Vol. I, p. 173-174.
- CAIGER, J. (1967) – Bellarmine jugs. *The Kent Archaeological Review*. Kent, n.º 7, p. 8-12.
- CALADO, R. S. (1988) – Antecedentes históricos da faiança portuguesa. *Cerâmicas*, n.º 1, p. 9-12.
- CHAUNU, P. (1983) – *Sevilha e América. Siglos XV y XVII*. Sevilha: Universidade de Sevilha.
- CRESCENZO, C. e PASTORE, I. (1994) – Primi dati sull'evidenza archeologica della produzione post-medievale in Campania. *Atti XXVII Convegno Internazionale della cerâmica – La ceramica postmedievale in Italia. Il contributo dell' Archeologia*. Albisola. Centro Ligure per la storia della cerâmica, p. 138-139.
- DEAGAN, K. (1987) – *Artifacts of Spanish Colonies of Florida and the Caribbean 1500-1800*. London, Washington: Smithsonian Institution Press, Vol. 1.
- DEAGAN, K; CRUXENT, J. M. (2002) – *Archaeology at La Isabela. America's first European Town*, New Haven & London: Yale University Press.
- EVERAERT, J. (1989) – Marchands Flamands à Lisbonne et l'Exportation du Sucre de Madère (1480-1530). *I Colóquio Internacional de História da Madeira*. Funchal, CEHA, Vol. 1, p. 442-463.
- FERREIRA, A. M. P. (1984) – Os Açores e o curso Francês na primeira metade do século XVI: a importância estratégica do arquipélago (1521-1537), *Os Açores e o Atlântico (séculos XIV-XVII)*. Angra do Heroísmo. Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 280-297.
- FREIRE, A. B. (1914) – Inventário da Guarda-Roupa de D. Manuel., *Arquivo Histórico Portuguez*, vol IX, p. 64-110.
- FREITAS, P. de (1989) – Azulejaria na Madeira. *Islenha*. Funchal, n.º 4, I, p.25-34.
- GARCÍA, M. M., dirección (2002) – *La cerâmica de Paterna. Reflejos del Mediterráneo*. Valência. Museo de Bellas Artes. (Museo de Bellas Artes de Valencia, del 19 de Abril al 9 Junio de 2002).
- GIL, M. O. da R. (1979) – *O Arquipélago dos Açores no Século XVII. Aspectos sócio-económicos (1575-1675)*. Castelo Branco: edição da autora.
- GIL, M. O. da R. (1981) – Os Açores e a nova economia de mercado (séculos XVI-XVII), *Arquipélago, Série Ciências Sociais*. Ponta Delgada, III, p. 371-425.
- GIL, M. O. da R. (1982) – *Os Açores – Comércio e Comunicações (séculos XVI-XVII). Separata da revista Arquipélago, Série Ciências Sociais*. Ponta Delgada. n.º IV, p. 371-415.
- GODINHO, V. M. (1985) – *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. Lisboa: Editorial Presença. 2.ª edição. Vol. IV.
- GOGGIN, J. (1968) – *Spanish Majolica in the New World. Types of the sixteenth to eighteenth centuries*. New Haven: Department of Anthropology, Yale University.
- GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1991) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do poço-cisterna de Silves. *Actas do IV Congresso Internacional – A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental* (Lisboa, 16-22 Novembro de 1987). Lisboa. Campo Arqueológico de Mértola, p. 457-490.
- GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do poço-cisterna de Silves. *XELB*. Silves n.º 3, p. 143-205.
- GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1998) – Cerâmicas, dos séculos XV a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal. *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela. Câmara Municipal de Tondela. p. 315-348.
- GOUVEIA, D. F. de (1991) – O açúcar e a Economia Madeirense (1420-1550). Consumo de Excedentes. *Islenha*, n.º 8, Funchal, p. 11-22.
- GUTIÉRREZ, A. (2000) – *Mediterranean Pottery in Wessey Households (12th to 17th centuries)*. Oxford: British Archaeological Reports 306.
- HILDYARD, R. (1999) – *European ceramics*, Philadelphia. Pennsylvania: Univrsit of Pennsylvania Press.
- HUME, I. N. (2001) – *A Guide to Artifacts of Colonial America*. Philadelphia: University of Pennsylvania.
- HURST, J.; NEAL, D. S. e BEUNINGEN, H. J. V. (1986) – *Pottery produced and traded in Northwest-Europe 1350-1650* (Rotterdam Papers VI). Rotterdam: Foundation Dutch Domestic Utensils.

- JANSSEN, H. e NIJHOF, E. (1992) – Four 16th-century redware spit-supports from's s.Hertogenbisch. *Everyday and Exotic Pottery from Europe. Studies in honour of John G. Hurst, edited David Gaimster and Mark Redknapp*. Oxbow books, p. 344-353.
- LISTER, F. C. e LISTER, R. H. (1976) – Ligurian Maiolica in Spanish America, *Atti Convegno Internazionale della Ceramica*. Centro Ligure per la Storia della Ceramicam Albisola, IX, p. 311-320.
- LISTER, F. C. e LISTER, R. H. (1976a) – Italian presence in Tin Glazed Ceramics of Spanish America. *Historical Archaeology*, X, p. 28-41.
- LISTER, F. C. e LISTER, R. H. (1982) – *Sixteenth Century Maiolica Pottery in the Valley of Mexico*, Tucson: University of Arizona Press.
- LISTER, F. C. e LISTER, R. H. (1987) – *Andalusian Ceramics in Spain an New Spain. A Cultural Register from the Third Century B.C. to 1700*. Tucson: The University of Arizona.
- LIZARDO, J. (1989) – Arte Mudéjar na Madeira. A pia baptismal da matriz da Ponta do Sol. *Funchal. Atlântico*, n.º 18, p. 149-152.
- LIZARDO, J. (2006) A pia baptismal da Ponta do Sol. Uma "importante" oferta de D. Manuel I?. *ILHARQ – Revista de Arqueologia e Património Cultural do Arquipélago da Madeira*. Machico, n.º 6, p. 14-19.
- MENDES, H. e PIMENTA, J. (2007) – *Contexto Quinhentista das escavações do Museu do Neo-Realismo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- MILANESE, M. (1993) – Italian Pottery exported during the 15th and 16th centuries, *Medieval Ceramics*, Vol.17, p. 23-33.
- MILANESE, M. (1994) – La ceramica postmedievale in Toscana: centri di produzione e manufatti alla luce delle fonti archeologiche. *Atti XXVII Convegno Internazionale della cerâmica – La ceramica postmedievale in Italia. Il contributo dell' Archeologia*. Albisola. Centro Ligure per la storia della cerâmica, p. 79-111.
- MILANESE, M. e BALDASSARRI, M. (2004) – *Il Catello e l'uliveto. Insediamento e trasformazioni del paesaggio dalle indagini archeologiche a Massa in Valdinievole*. Comuni di Massa e Cozzile.
- MUÑOZ, P. e CAMBRA, R. (1999) – La cerâmica moderna en el Convento del Carmen (Sevilla), *Arqueología Medievalm*, n.º 6, p. 160-161.
- PANNUZI, S. a cura (2003) – *Le ceramiche tardomedievali e rinascimentali del Castello di Ostia*. Roma: Campisano Editore.
- PERERA, J. H. (1992) – Las primeiras pilas bautismales en Canarias. *ALMOGAREN*, 9, p. 191-212.
- PLEGUEZUELO, A. e LAFUENTE, P. (1995) – Cerâmicas de Andalucía Occidental (1200-1600) in GERRARD, C.; GUTIÉRREZ, A. e VINCE, A, *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles/Cerâmica medieval española en España y en las Islas Británicas*, Oxford, Tempos Reparatum (Bar Internacional series, 610), p. 217-244.
- RAU, V. (1973) – *Portugal e o Mediterrâneo no século XV: alguns aspectos diplomáticos e económicos das relações com a Itália*. Lisboa: Centro de Estudos da Marinha.
- SANTOS, J. M. dos (1989) – *Os Açores nos séculos XV e XVI*. Ponta Delgada: SREC, Vols. I e II.
- SILBERT, A. (1954) – *Un carrefour de l'Atlantique: Madère 1640-1820*. Lisboa.
- SILBERT, A. (1997) – *Uma Encruzilhada do Atlântico. Madeira (1640-1820). Un carrefour de l'Atlantique: Madère 1640-1820*. Funchal: CEHA, 1.ª edição.
- SIMÕES, J. M. dos S. (1963) – *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. I. Corpus da Azulejaria Portuguesa.
- SOUSA, É. D. M. (2006) – *Arqueologia na Cidade de Machico. A construção do quotidiano nos séculos XV, XVI e XVII*. Machico: CEAM – Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea.
- SOUSA, É. D. M. (2007) – *500 anos de cerâmica na Madeira. Estudo tipológico de vinte e cinco peças arqueológicas*. Machico: ARCHAIS.
- SOUSA, É. D. M. (2010) – A Loíça Utilitária das Escavações Arqueológicas do Convento de Jesus, Ribeira Grande. *A Ponte - Revista Cultural da Ribeira Grande*. Ribeira Grande, n.º 1, p. 42-51 e 61-62.
- SOUSA, É. D. M. (2011) – *Ilhas de Arqueologia. O Quotidiano e a Civilização Material na Madeira e nos Açores (Séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Vol. I e II, Julho de 2011 (Dissertação de Doutoramento em História Regional e Local, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- SUÁREZ, E. S (2000) – Pilas bautismales sevillanas en las islas Canarias. *XIV Coloquio de Historia Canario-Americana: Las Palmas de Gran Canaria*, p. 467-485.
- SUÁREZ, E. S (2007) – La cerâmica de "Cuerda Seca" del antiguo convento de San Francisco de Asís de las Palmas de Gran Canaria, *Separata de CuPAUAM*, 33. Madrid, p. 155-174.
- TULLIO, A. (2004) – Una "Discarica" del XVIII secolo nella torre nord del duomo di Cafalù, *Atti XXVII Convegno Internazionale della cerâmica – La ceramica postmedievale in Italia. Il contributo dell' Archeologia*. Albisola. Centro Ligure per la storia della cerâmica, p. 281-293.
- VASCONCELLOS, J. de (1883) – A Exposição de Cerâmica, *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto, Vol. III, p. 265-281.
- VIEIRA, A. (1987) – *O comércio inter-insular nos séculos XV e XVI (Madeira, Açores, Canárias)*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.
- VIEIRA, A. (1999) – Os italianos na Madeira. Séculos XV-XVI. *Separata Arquipélago e História*. Ponta Delgada. 2.ª série, III.
- VITERBO, S. (1882) – A Exposição D'Arte Ornamental. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 3.ª Série, n.º 9, p. 515-575.
- ZAGALLO, M. C. (1955) – Introdução, *Pinturas dos séculos XV e XVI da Ilha da Madeira (Depois do seu Restaura)*. Catálogo de Exposição. Maio de 1955, s. l., p. 7-19.
- WILCOXEN, C. (1987) – *Dutch trade and ceramics in America in the seventeenth century*. Albany, N. York: Albany Institute of History & Art.